

Antropologia e turismo: dos trilhos, atores e espaços à genealogia da turistificação da Antropologia em Portugal

Xerardo Pereiro*

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal)

Filipa Fernandes**

Universidade de Lisboa (Portugal)

Resumo: o presente artigo aborda as convergências, sinergias e as divergências entre a antropologia e o turismo no espaço português. Tem por objetivo analisar a turistificação da antropologia (as adaptações metodológicas e epistemológicas ao objeto de estudo por parte da disciplina) em Portugal e uma certa antropologização do turismo. Enquadrado na história da antropologia portuguesa, o artigo parte da análise da obra dos antropólogos que construíram uma certa genealogia da antropologia do turismo em Portugal: nascimento, desenvolvimento, presente e rumos atuais que apontam a um futuro com maior atenção à atividade turística. As conclusões apontam para uma normalização da antropologia do turismo no contexto académico português e também para uma antropologização maior do campo dos estudos turísticos nos níveis do ensino e a investigação.

Palavras-chave: Antropologia, Turismo, turistificação, Portugal

Anthropology and tourism: the Rails, actors and spaces on the genealogy of turistificação of anthropology in Portugal

Abstract: this article discusses the similarities, differences and synergies between anthropology and tourism in Portuguese space. The aim is to analyze the touristification of anthropology in Portugal (the methodological and epistemological to the object of study by the discipline adaptations), and a certain anthropologization of tourism. Framed in the history of Portuguese anthropology, the paper starts with the analysis of the work of anthropologists who built a certain genealogy of anthropology of tourism in Portugal: birth, development, present and current directions pointing to a future with more attention to tourism. The findings point to a normalization of the anthropology of tourism in Portuguese academic context and also to greater anthropologization of the field of tourism studies in the levels of teaching and research.

Keywords: Anthropology, Tourism, Touristification, Portugal

1. Introdução

O turismo é um campo multidisciplinar, no qual a antropologia faz a diferença pelas epistemologias, teorias, métodos e técnicas em uso. A antropologia é uma das disciplinas das ciências sociais mais críticas

* Doutor em antropologia pela Universidade de Santiago de Compostela e doutor em turismo pela Universidade de La Laguna, professor auxiliar com agregação na UTAD e investigador efetivo do CETRAD (Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento). E-mail: xperez@utad.pt

** Doutora em Turismo pela Universidade de Évora. Professora Auxiliar no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade de Lisboa. Investigadora do CAPP (Centro de Administração e Políticas Públicas. E-mail: ffernandes@iscsp.ulisboa.pt, filipafernandes1@gmail.com

PT: “Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/SOC/04011/2013”.

EN: “This work is supported by national funds provided by the FCT - the Portuguese Foundation for Science and Technology, through its project UID/SOC/04011/2013”.

com o turismo e das mais inovadoras na investigação turística (Pinto e Pereiro, 2010). Pretende-se, neste texto, analisar as convergências, as sinergias e as divergências entre antropologia e turismo, evidenciando os papéis e os trabalhos dos antropólogos do turismo portugueses e dos antropólogos não portugueses que investigaram em ou sobre Portugal. Se antes se verificava uma relação distante e desconfiada entre antropologia e turismo, hoje em dia, os antropólogos participam cada vez mais numa antropologia do turismo enquanto o mesmo objeto de estudo impregna, em termos gerais, a própria disciplina antropológica.

Tal é assim, que é estranho encontrar um território não afetado, duma ou doutra forma pelo sistema turístico, ou os múltiplos problemas abordados interferidos por variáveis que implicam o consumo e o movimento ocioso das pessoas. Se a antropologia começou por ser crítica com o turismo, hoje encontra-se implicada e aplicada em minorar os efeitos indesejados provocados pelos desenvolvimentos e pela implantação de produtos turísticos, existindo já uma inserção da antropologia do turismo na mercadologia turística (análise e intervenção nos mercados turísticos). Desta forma, o turismo inspira e desafia a antropologia, do mesmo modo que turistifica os seus objetos.

O objetivo deste texto é analisar, do ponto de vista teórico, a turistificação da antropologia (as adaptações metodológicas e epistemológicas ao objeto de estudo por parte da disciplina) em Portugal. A metodologia adotada para a construção deste texto foi a análise de conteúdo das obras de: a) os antropólogos, portugueses ou não, que trabalharam sobre turismo em Portugal; b) os antropólogos portugueses que trabalharam sobre turismo noutros lugares fora de Portugal. Será também dada atenção à biografia intelectual, as linhas teóricas, métodos, técnicas e práticas profissionais destes antropólogos, com o intuito de construir uma certa “genealogia”.

O presente artigo divide-se em quatro partes. A primeira parte apresentará uma sumária contextualização histórica da antropologia portuguesa. Na segunda parte expõem-se os autores e os objetos da gênese da antropologia do turismo em Portugal. Os autores e as linhas orientadoras da ‘normalização’ do turismo como objeto antropológico em Portugal constituem a matéria da terceira parte deste artigo. Na quarta e última parte apresentam-se os rumos da antropologia do turismo em contexto nacional.

2. Breve contextualização histórica da antropologia portuguesa

De acordo com João Pina Cabral (1986: 12; 1991: 15-36), a antropologia portuguesa divide-se em cinco fases: 1) a fase de interesse pelos costumes populares; 2) a época dos românticos; 3) a “belle époque”; 4) a época do pós-guerra; 5) o pós-25 de abril de 1974. A primeira fase coincide com a subida ao poder da burguesia, na primeira metade do século XIX, e o estudo dos “costumes populares” foi considerado uma questão de interesse fundamental para a construção da nação portuguesa. O discurso político científico dominante associava a “cultura popular” com autenticidade, tipicidade, primitividade, longa existência e povo, quem representaria a identidade nacional, sendo a cultura burguesa a da não autenticidade. Esta ideia da etnografia ao serviço da construção de uma identidade nacional perduraria até à primeira metade do século XX (cf. Llaneza Fandón, 1999; Sobral, 2012) e representaria uma antropologia autocentrada em palavras de João Leal (2000: 16).

Numa segunda fase, iniciada em 1820, autores românticos como Almeida Garret ou Alexandre Herculano, fascinados pelas antiguidades e os vestígios do passado recolheram contos e canções populares numa tentativa de definição da nova nacionalidade portuguesa. Os modelos teóricos dominantes na altura eram os do difusionismo e o evolucionismo (Castro Seixas, 2000) e o objetivo implícito era demonstrar que Portugal constituía-se por um povo lusitano e celta. Na terceira fase, delimitada por Pina Cabral (1991) entre 1871 e 1920, e à qual denominou “belle époque”, foi criada a República e tem como representantes a Oliveira Martins, Adolfo Coelho, Teófilo Braga, Rocha Peixoto e Leite de Vasconcelos, entre outros. Esta foi uma época de grande criatividade científica e de influência internacional do evolucionismo.

Numa quarta fase, o regime ditatorial instituiu o estudo das colónias, com o objectivo de elaborar mapas etnológicos. Isto foi bem definido no Primeiro Congresso Nacional de Antropologia Colonial que se celebrou no Porto em 1934. Um dos seus autores foi Mendes Correa quem utilizou e promoveu os métodos antropométricos de campo. Foram enviadas missões para todas as colónias portuguesas, nomeadamente para África. Entre os impulsores destas missões destaca-se Joaquim do Santos Júnior (Pereira, 1988). Esta antropologia representava as tendências mais conservadoras das ideologias coloniais do regime do Estado Novo. A partir de finais de 1950 produz-se uma nova antropologia colonial, protagonizada por Jorge Dias, que se distancia cada vez mais e aos poucos, do grupo de Mendes Correa (Porto) e que vira as suas investigações para o Portugal continental e as problemáticas da ruralidade como substrato da nacionalidade portuguesa (Leal, 2000).

Na quinta fase situada no pós 25 de abril de 1974, a antropologia portuguesa torna-se mais cosmopolita, mais europeia, mais urbana e mais transnacional. Um autor e uma obra inauguram a antropologia

sociocultural contemporânea em Portugal, a de José Cutileiro (1977). Formado na Universidade de Oxford, introduz em Portugal os métodos modernos da antropologia social, que será a linha de força predominante a partir dessa data. Outros autores consolidaram esse caminho: Brian O'Neill, João de Pina Cabral, Joaquim Pais de Brito, Raúl Iturra, Jorge Crespo, Francisco Ramos e muitos outros que pertencem já à geração pós 25 de abril.

Em síntese, de uma antropologia de construção da nação, a antropologia portuguesa orientou-se para uma construção do império, sendo ambas feitas de forma articulada (Quintino, 2004: 40). Hoje, a antropologia portuguesa tem-se convertido numa antropologia internacional, na terminologia de Stocking (1982; 1992; 1996), e cosmopolita em temas, autores, contextos e orientações teórico-metodológicas. Pouco a pouco o turismo foi deixando de ser visto como uma atividade pouco merecedora de estudo e investigação para normalizar-se como objeto de estudo antropológico dos antropólogos portugueses e dos que trabalham em Portugal, tendência semelhante à de outras academias e contextos internacionais. Este processo será analisado seguidamente.

3. O nascimento da antropologia do turismo em Portugal: autores e objetos de estudo

Portugal não foge à tendência internacional de menosprezo do turismo como objeto de investigação antropológica, nem tampouco à mudança dessa tendência a partir dos meados da década de 1990. Nessa época alguns antropólogos começam a dar atenção ao turismo e aos turistas, resultado da sua companhia em terrenos que eles tinham estudado previamente mediante outros enfoques e focados noutros problemas socioculturais. Este interesse contribuiu para objetivar e representar o encontro intercultural.

Nesta secção apresentar-se-á de forma breve um pequeno inventário de autores com o objetivo de apresentar uma genealogia da antropologia do turismo em Portugal, enquanto objeto mais central da investigação antropológica.

A antropologia do turismo sobre Portugal nasce por iniciativa de um antropólogo estado-unidense, Eugene L. Mendonsa (1982), antropólogo formado em Cambridge (Reino Unido) que foi professor na UCLA, e que nos finais dos anos 1970 fez trabalho de campo em Portugal. Hoje retirado (cf. <http://eugenelmendonsa.tripod.com/>), ele foi dos primeiros a focar o turismo português como fenómeno social e cultural. Com um trabalho de campo durante cinco meses entre 1979 e 1980, sobre os efeitos do turismo na vila piscatória da Nazaré, este autor analisa o turismo como mecanismo de estratificação social e motor de impactos sobre as comunidades receptoras. Na sua visão, o turismo apresenta ponderadamente aspetos positivos e negativos para os recetores de turistas. Segundo ele, o turismo acentua a integração de Portugal na economia mundial, contribui para a modernização mas também para o acréscimo das desigualdades sociais devido a que as comunidades receptoras, como a Nazaré, já apresentavam uma estrutura social desigual de base que o turismo contribui a acentuar.

Um dos primeiros antropólogos portugueses a fazer do turismo um objeto central de investigação foi José da Cunha Barros (cf. Cunha Barros, 2002), professor do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (Universidade Técnica de Lisboa), quem iniciou nos finais de 1992 uma tese doutoral sobre os efeitos do turismo na região do centro litoral português. Privilegiou um estudo de caso acerca do turismo termal e as termas da Curia, no qual a ênfase é dada aos efeitos do turismo nos recetores. Este autor não descarta o uso de uma antropologia histórica para contextualizar as práticas e representações do turismo enquanto campo de interação social. E outra inovação foi a introdução de novas técnicas procedentes da sociologia e da geografia do turismo como os inquéritos por questionário.

Carla Sousa, antropóloga da Universidade do Algarve é uma das antropólogas portuguesas que mais tem trabalhado sobre turismo e que se centrou no estudo do turismo já desde os meados da década de 1990 (cf. Sousa, 1996; 2003). Estuda a relação entre folclore e turismo no Algarve, na medida em que o turismo, enquanto encontro com a alteridade, representa um mecanismo de reinvenção de tradições. Nessa tensão entre turismo, cultura e património cultural que ela aborda, o turismo procura experiências “verdadeiras” diz-nos Carla Sousa (2003: 570) e diferentes agentes sociais produzem representações da etnicidade para consumo turístico como as que ela analisa no Algarve.

Outro dos primeiros antropólogos portugueses a abordar o turismo foi Pedro Prista, que num trabalho publicado em 1998 (Prista, 1998) se aproxima da turistificação dos espaços rurais portugueses e a idealização turística deles. Questionando-se sobre o grande poder do turismo como indústria global e desde uma perspetiva diferente aos anteriores autores, alerta sobre os efeitos negativos da atividade turística e os seus riscos. Para além disto, critica o turismo rural e as suas transformações, enquadradas

na nova dominação urbana sobre o rural, que esvazia o campo de habitantes e contribui a levar estes para os subúrbios das cidades.

Incontornável neste quadro de primeiros autores da antropologia do turismo em Portugal destaca-se Francisco Martins Ramos, catedrático emérito de antropologia da Universidade de Évora. Francisco Ramos, além de promover a investigação, foi impulsionador da licenciatura, o mestrado e o doutoramento em turismo da Universidade de Évora. Foi também dos primeiros a focar o turismo como um objeto de investigação antropológica importante, algo que já fez na sua tese doutoral concluída em 1992 (Ramos, 1997). Foi ele também um dos primeiros a lecionar antropologia do turismo numa licenciatura em turismo em Portugal e a orientar teses doutorais sobre antropologia do turismo. Este antropólogo desenvolveu e desenvolve uma intensa atividade de dinamização do campo do turismo (2008, 2010, 2011, 2013), sendo membro fundador da Associação Internacional de Turismo Rural “Via Mediterrânea” e criador da licenciatura em turismo, gestão hoteleira e animação da Universidade Metodista de Angola.

Sintetizando, nas suas origens a antropologia do turismo em Portugal focalizava-se nas problemáticas dos impactos, nos encontros entre turistas e recetores, e na relação do turismo com os processos de patrimonialização. Isto é algo que não foge ao panorama internacional da antropologia do turismo (cf. Smith, 1989; Santana, 1997; Burns, 1999; Santana, 2009; Pereiro, 2009).

4. A “normalização” do turismo como objeto antropológico na antropologia portuguesa

Nesta seção, sem pretender compor um catálogo exaustivo dos antropólogos que trabalharam ou trabalham sobre turismo em Portugal, serão apresentados os autores que mais contribuíram para o que denominamos “normalização” do turismo como objeto de estudo antropológico em Portugal, e algumas linhas de força orientadoras ou balizadoras desse processo. Em geral podemos afirmar que este processo foi protagonizado inicialmente por académicos e universitários e não por antropólogos no mercado turístico como aconteceu noutros contextos de aplicação da antropologia.

Uma das antropólogas que mais tem contribuído para essa normalização do objeto tem sido Maria Cardeira da Silva, professora da Universidade Nova de Lisboa. A autora tem uma vasta obra sobre a problemática relação entre turismo, patrimónios culturais e identidades (cf. Cardeira da Silva, 2006; 2010; 2013). Tendo feito trabalho de campo em Marrocos e Mauritânia, contribuiu também para a formação especializada em antropologia do turismo (mestrado em antropologia do turismo). Não podemos descurar na sua trajetória a organização de simpósios, encontros e publicações sobre antropologia do turismo em Portugal como, por exemplo, o simpósio “Turismo, mobilidades e consumo de lugares”, enquadrado no congresso da APA (Associação Portuguesa de Antropologia) em 1999 e intitulado “Novos Terrenos da Antropologia” (cf. Cardeira da Silva, 2004). Além mais, numa dupla direção, tem realizado uma intensa divulgação em Portugal da antropologia do turismo e, também, tem divulgado muito internacionalmente o trabalho dos antropólogos portugueses que trabalham sobre turismo. Em palavras desta autora, a antropologia não deve demitir-se do turismo:

“Estou apelando à antropologia para aproveitar as características propícias dos terrenos que o turismo lhe oferece para afirmar as suas competências, a sua argúcia treinada ao longo de uma extensa história de práticas e metodologias incorporadas pelos antropólogos, agora já suficientemente objetivadas. Faço-o não por corporativismo mas porque acredito que a interdisciplinaridade, e mesmo a transdisciplinaridade, se baseia no pressuposto da contribuição de várias disciplinas e, portanto, obriga ao zelo pela manutenção das competências de cada uma” (Cardeira da Silva, 2004: 7-8).

Para além das modas académicas internacionais, Maria Cardeira da Silva propõe ir mais além da exotização das mobilidades turísticas para centrar-se no que ela chama de lugares turísticos, cronotopos de encontros turísticos que representariam um palco para a análise antropológica. Face ao processo de politização e mercantilização da cultura, no qual intervém o turismo, ela propõe uma reterritorialização da cultura e da antropologia como caminho para avançar no conhecimento antropológico do turismo. Os lugares turísticos podem tornar-se assim em laboratórios de conhecimento antropológico, indo mais além da criação de um subcampo teórico da antropologia.

Luís Silva, investigador do CRIA (Centro em Rede de Investigação em Antropologia) é um dos antropólogos mais profícuos no campo do turismo a partir de meados da primeira década do século XXI, especialmente no subcampo do turismo em espaço rural e no turismo de natureza. Doutorou em antropologia no ISCTE em 2007, com uma tese doutoral sobre turismo rural em Portugal orientada por

João Leal, Luís Silva revolucionou as perspetivas do turismo em Portugal, para questionar os discursos megalómanos sobre a importância do seu desenvolvimento e os seus efeitos sobre o desenvolvimento rural. Desde uma perspetiva de alerta, as suas publicações (2006, 2007a, 2007b, 2007c, 2009a, 2009b, 2011, 2013a, 2013b) internacionalizam em grande medida a antropologia do turismo feita em Portugal, abordando assuntos como os efeitos do turismo nos espaços rurais, as motivações e práticas dos turistas rurais, as perceções nativas dos efeitos turísticos ou os conflitos dos processos de patrimonialização ao serviço do turismo. Em 2009 coordenou com Agustín Santana e Xerardo Pereiro um simpósio sobre antropologia do turismo no IV Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia.

Xerardo Pereiro trabalha na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) desde 1998 e é membro do CETRAD (Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento) e do CEDTUR (ISMAD), lecionando antropologia do turismo no curso de turismo da UTAD. Ele chegou ao estudo do turismo a partir dos processos de patrimonialização da cultura e consumo turístico dos museus em Alhariz-Galiza (Pereiro e Vilar, 2008), tendo como foco de atenção as problemáticas relações entre turismo, cultura e identificações (Pereiro, 2006; Richards e Pereiro, 2007; Pereiro, 2009b). Tem-se debruçado sobre a construção de imagens turísticas do outro entre Portugal e Espanha (Pereiro, 2005; Pereiro, 2009a; Pereiro, 2012b). Junto com o também antropólogo Cebaldo de León (CETRAD) tem desenvolvido desde 2003 um projeto de investigação longitudinal sobre o turismo indígena guna, um modelo de turismo autocontrolado pelos indígenas gunas da República do Panamá (Pereiro e De León, 2007; Pereiro, 2008; Pereiro, 2010; Pereiro *et al.*, 2012; Pereiro, 2012a; Pereiro e De León, 2012). Neste trabalho espelha uma etnografia do sistema turístico contextualizada num lugar da periferia geopolítica latino-americana.

Preocupado por mostrar formas alternativas e diversas de oferecer e vivenciar a experiência turística está a pesquisar sobre os turismos indígenas na América Latina (Pereiro, 2012d; Pereiro, 2013^a) e as experiências ecoagroturísticas na Península Ibérica (Pereiro, 2012c; Prado e Pereiro, 2012). Xerardo Pereiro, que é também doutor em turismo desde 2014 pela Universidade de La Laguna (Espanha), tem dinamizado vários encontros à volta da antropologia do turismo como dois simpósios da APA, um da FAAEE, cinco edições do Turchaves (ciclo de conferências sobre turismo, no Pólo da UTAD em Chaves), o VIII CITURDES Congresso Internacional de Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável (Cristóvão e Pereiro, 2012). Em adição e, numa linha de aplicação da antropologia ou de intervenção nos assuntos públicos, tem colaborado na elaboração de estudos estratégicos do turismo para o Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular, com particular destaque para a agenda estratégica do turismo para Trás-os-Montes (Pereiro, 2013b).

Ema Pires, professora na Universidade de Évora, tendo feito a sua tese de mestrado na Universidade de Évora (Pires, 2003), orientada por Francisco Ramos e Maria de Fátima Nunes, achegou-se ao papel das imagens e dos imaginários turísticos construídos no Estado Novo e utilizados como propaganda política. Tendo como pano de fundo a relação entre turismo e nacionalismo, a autora produz uma excelente antropologia histórica do turismo em Portugal, cruzando e estabelecendo um diálogo frutífero entre antropologia, história e sociologia, algo que comprova a necessidade de que o campo do turismo assumia perspetivas inter e transdisciplinares (Pinto e Pereiro, 2010). Doutorada em antropologia pelo ISCTE, sob a orientação de Brian O'Neill, fez trabalho de campo sobre o bairro português de Malaca (Malásia) e as apropriações turísticas desse espaço (Pires, 2011; 2012; 2013a; 2013b).

Paula Mota Santos, professora na Universidade Fernando Pessoa do Porto, foca a atenção sobre as perceções e vivências do património cultural da “Baixa” da cidade do Porto, integrando na sua análise a visão dos turistas (Mota Santos, 2003; 2005; 2007; 2012). A autora tem desenvolvido uma produção científica nessa linha de reflexão sobre o património cultural, enquanto processo de construção social e a sua relação com o turismo. Se bem que a antropologia do turismo não seja central na sua obra, tem contribuído de forma decisiva para o entendimento sobre a patrimonialização e os consumos turísticos dos centros históricos, das arquiteturas emblemáticas e dos parques temáticos (Mota Santos, 2014). Preocupada também pela análise das representações dos espaços urbanos, tem interpretado o turismo como um mecanismo de representação e imaginação do espaço urbano.

Filipa Fernandes antropóloga e professora no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, orientada por Francisco Martins Ramos, doutorou-se em 2013 em Turismo pela Universidade de Évora. O seu trabalho efetuado na ilha da Madeira tem-se debruçado pelos processos de patrimonialização (2010a, 2010c, 2011, 2013), pelas representações turísticas (2010b, 2013, 2014), pelas motivações e práticas dos turistas (2013), e ainda, o turismo de natureza (2012, 2013). O património cultural enquanto recurso turístico foi o tema da sua tese doutoral na qual a problemática abordada se inseriu no mapa de questões associadas às estratégias de ativação patrimonial, às representações turísticas das levadas e aos discursos promocionais e, ainda, às experiências e motivações dos turistas.

Mais recentemente tem vindo explorar a temática dos desastres e do turismo num projeto multidisciplinar acerca da (des)memória do desastre, e ainda, a antropologia e o turismo de natureza.

Paulo Mendes é professor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) desde o ano 2000 e investigador do CRIA. O seu trabalho centrou-se na análise da construção comunitária de uma localidade alentejana de pescadores (Meneses e Mendes, 1996). Mais tarde, este longo trabalho de campo derivou numa tese doutoral sobre uma antropologia da perceção do ambiente e das emoções (Mendes 2008; 2013) na qual o turismo é um eixo de análise importante, ao ponderar as fricções entre os nativos e os turistas à luz dos diferentes níveis de consciência e categorização identitária. É este um exemplo de como a proposta de Maria Cardeira da Silva de construir uma antropologia dos lugares turísticos se torna muito ambígua, pois, hoje, há muito poucos lugares que não sejam consumidos por turistas e pelo turismo nas suas diversas modalidades.

Marta Lalanda Prista é uma investigadora do CRIA que desenvolveu investigação sobre as Pousadas de Portugal (Prista, 2013a, Prista, 2013b) enquanto discursos patrimoniais da identidade nacional portuguesa. Esta original investigação acerca da rede hoteleira de charme criada pelo Estado português há mais de sete décadas é analisada desde uma perspetiva sistémica, processual e histórica que aponta para os seus agentes sociais (políticos, arquitetos, operadores turísticos, residentes locais e turistas) e as narrativas do passado. Com este trabalho, concluído em 2011 no seu formato de tese doutoral, doutorou-se em antropologia na Universidade Nova de Lisboa, o que significa que o turismo é cada vez mais um objeto de estudo importante para a academia antropológica portuguesa.

Sofia Sampaio, investigadora pós-doutorada do CRIA que procede dos estudos culturais trabalha sobre turismo e cinema. Interessa-se pelo turismo como instrumento de representação política das identidades e pela relação entre turismo, literatura e cultura visual (cf. Sampaio, 2013a, 2013b). Peter Antón Zoetl é um antropólogo visual (Zoetl, 2011), investigador pós-doutorado no CRIA, que tem feito um documentário sobre o turismo entre os indígenas pataxó do extremo sul da Bahia (Brasil) em cooperação com os indígenas (Zoetl, 2010). Nele exhibe o protagonismo indígena na produção do turismo, os estereótipos na criação de cenários para consumo turístico e as dificuldades para enriquecer a experiência turística nesse jogo de espelhos que é o turismo. Este trabalho mostra a projeção da antropologia do turismo portuguesa pelo mundo fora.

Elsa Peralta é uma antropóloga formada no Instituto de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa que hoje é investigadora pós-doutorada no ICS (Instituto de Ciências Sociais) do Instituto Universitário de Lisboa. Já desde cedo (Peralta, 2000; 2003a; 2003b) se preocupou por pensar a relação entre património cultural, identidades e turismo, mas logo se centrou nas políticas dos processos de musealização e patrimonialização da cultura (Peralta e Anico, 2006; Peralta e Anico, 2009).

Joana Lucas, investigadora do CRIA ligada à equipa de Maria Cardeira da Silva na Universidade Nova de Lisboa, tem-se debruçado sobre a articulação entre pesca e turismo na Mauritânia (cf. Lucas, 2008) (cf. também <http://www.buala.org/pt/autor/joana-lucas>) com especial ênfase numa reflexão sobre o pós-colonialismo e o turismo (Lucas, 2013). Maria José Aurindo, investigadora entre a geografia e a antropologia, aluna de mestrado em antropologia do turismo liderado por Maria Cardeira da Silva, é um exemplo mais da normalização da antropologia do turismo em Portugal e da atração que outros cientistas sociais reconhecem na antropologia do turismo (cf. Vidal e Aurindo, 2010). Com uma tese de mestrado exemplar, sobre a representação identitária de Portugal nos cartazes turísticos entre 1911 e 1986 (Aurindo, 2006), o seu trabalho constitui um magnífico contributo não só para a antropologia do turismo, mas também para os estudos turísticos e o que alguns chamam de 'turismologia'. Enquadrada numa perspetiva do turismo enquanto mecanismo de representação, analisa como a promoção turística vende significados da identidade nacional e vai evoluindo com tempo e as transformações dos contextos históricos.

Edgar Bernardo (2013a; 2013b) e Vitor Popinsky (2010) são dois ex-alunos da licenciatura em antropologia da UTAD, doutorandos sobre turismo, o primeiro no CIES (Centro de Investigação em Sociologia) do ISCTE, sobre os impactos do turismo na ilha de Boa Vista (Cabo Verde), e o segundo, Vitor Popinsky, está-se a doutorar em antropologia no ICS, com uma tese sobre turismo, desenvolvimento e parentesco na ilha de Fogo em Cabo Verde. Ambos representam uma geração mais jovem de antropólogos formados em Portugal nos finais de 1990 e início da década de 2000, e que têm enveredado nos seus rumos investigadores para o turismo como objeto central da investigação antropológica.

5. Rumos da antropologia do turismo em Portugal

Podemos classificar os rumos da antropologia do turismo em Portugal em três: a investigação, a docência e a inserção profissional mais além da academia. De acordo com o exposto acima, a antropologia do turismo em Portugal não existe enquanto subdisciplina organizada e estruturada; existe sim, um conjunto de antropólogos que aborda problemas do campo turístico, umas vezes de modo central e, outras, as mais das vezes, enquanto elemento semiperiférico ou periférico das investigações. E apesar de se registar nos últimos tempos um esforço por constituir este subcampo da antropologia (ex. congressos, simpósios e encontros científicos como os da APA), não há balizas epistemológicas bem definidas (cf. Hernández Ramírez, 2006; Nash, 2007; Leite e Graburn, 2009). Existe muita ambiguidade e o processo de normalização do turismo enquanto problema de investigação antropológica é de ritmo lento.

No caso português, os trabalhos dos antropólogos no campo do turismo estão protagonizados fundamentalmente por académicos que seguem modelos de análise em uso na antropologia internacional (aculturação, impactos, encontros turistas – recetores, mestiçagem, hospitalidade, o turismo como espelho social, o turismo como mobilidade transnacional, o turismo como forma de representação do outro, etc.) e muitos deles procedem do campo da antropologia do património patrimonial. É assim que o património cultural se tem convertido em sangue do turismo e é nessa fileira que muitos realizam as suas investigações. Outros académicos acabam por encontrar turistas nos seus terrenos e acabam por integrá-los nos seus trabalhos, fazendo do turismo um objeto central das suas investigações, conceituando o turismo como um elemento sociocultural vital para entender a diversidade cultural das sociedades contemporâneas.

Também é relevante o facto de que poucos antropólogos se tenham debruçado na aplicação da investigação antropológica na mercadologia, na política ou gestão do turismo. Esta atividade de reflexão-intervenção é protagonizada com grande normalidade, frequência e entusiasmo por outros cientistas que trabalham sobre turismo, nomeadamente, geógrafos, economistas e gestores. Consideramos que este é um caminho que o antropólogo pode percorrer na sua prática profissional de aplicação da antropologia, fazendo a diferença pela sua mirada teórica, as suas estratégias metodológicas (etnográficas) e a sua postura ética.

Além da investigação do turismo, a antropologia do turismo em Portugal tem intensificado e integrado os seus conteúdos na formação universitária dos antropólogos, o que marca a diferença com outros contextos nacionais. Em Portugal a oferta educativa da antropologia é oferecida em quatro universidades tal como reflete o quadro seguinte:

Quadro nº 1: Cursos de licenciatura em Antropologia nas Universidades Portuguesas

Licenciatura	Universidade
Antropologia	Universidade Nova de Lisboa (UNL), pública.
Antropologia	Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais (ISCS), pública.
Antropologia	Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), pública.
Antropologia	Universidade de Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia, pública.

Fonte: Elaboração própria

No primeiro ciclo (licenciatura), o ISCTE (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa) apresenta a oferta de uma antropologia do turismo no 2º ano; e o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (Universidade Técnica de Lisboa) oferece uma antropologia das viagens e do turismo na qualidade de opção do 3º Ano. Nem a Universidade Nova de Lisboa nem a Universidade de Coimbra oferecem especificamente formação em antropologia do turismo para antropólogos.

Ao nível do mestrado (cf. Quadro nº 2), o ISCTE oferece para 2014-2015 uma especialização em turismo e património, a Universidade Nova de Lisboa oferece também outra especialização de mestrado em antropologia intitulada “Culturas em cena e turismo”, e o ISCS oferece uma unidade curricular intitulada “Imaginários Turísticos”. Só a Universidade de Coimbra não oferece esta formação aos seus mestrados.

Quadro 2: Mestrados em Antropologia (Portugal)

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa	Mestrado em Antropologia	http://iscte-iul.pt/cursos/mestrados/7095/apresentacao.aspx
Universidade Nova de Lisboa	Mestrado em Antropologia – várias especializações	http://www.unl.pt/guia/2013/fcsh/UNLGI_getCurso?curso=4281
Universidade de Lisboa – ISCSP	Mestrado em Antropologia	http://www.iscsp.utl.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=67&Itemid=287
Universidade de Coimbra	Mestrado em Antropologia	http://www.uc.pt/fctuc/Ensino/cursos/2ciclo_continuidade/Lista/ANT

Do mesmo modo, a antropologia tem enveredado em Portugal por um caminho que é o do ensino da antropologia e da antropologia do turismo para licenciados em turismo. O ensino superior do turismo (universitário e politécnico) é relativamente recente em Portugal e não vai mais além de duas décadas, mas na atualidade, o número tem aumentado muito¹. A formação de indivíduos e profissionais para a atividade turística é uma preocupação tardia, como aconteceu noutros países, apesar do grande peso do turismo na economia nacional. Por via da antropologização do ensino do turismo, o turismo e os seus alunos universitários têm-se familiarizado com enfoques teóricos e métodos de investigação antropológicos.

Esta familiarização por via do ensino está subordinada aos enfoques econométristas, economicistas e de gestão, predominantes nos cursos superiores de turismo em Portugal, mas é importante mais além de um simples corporativismo académico. A antropologia oferece aos estudantes de turismo uma bagagem conceitual, uma forma holística de olhar a diversidade turística e ferramentas etnográficas para analisar os seus efeitos e consequências. Do mesmo modo, a antropologia, com o seu sentido crítico e reflexivo, ajuda a criar um melhor turismo (sustentável, responsável, alternativo) e melhores turistas. De forma concreta, nas estruturas curriculares das licenciaturas em turismo (3 anos) a antropologia aparece de duas formas: a) nalguns casos como formação introdutória ou como etnologia da diversidade cultural; b) noutros como antropologia do turismo, património cultural e turismo ou turismo cultural. Seja como for, a antropologia aplicada ao ensino do turismo está capacitada para uma melhor preparação dos alunos na criação de produtos turístico-culturais, na investigação de mercados/sistemas turísticos, na mediação, comunicação e interpretação dos atrativos turísticos, na hospitalidade, acolhimento e acompanhamento dos turistas, e também, na avaliação de políticas e ciclos de desenvolvimento dos destinos.

Finalmente, um outro rumo da antropologia do turismo em Portugal é a inserção profissional fora da universidade, a investigação académica e o ensino. Nesta linha, não podemos olvidar que o turismo é um produto de consumo e um negócio mercantil, uma atividade económica profundamente antropológica, mas não há bastantes trabalhos antropológicos ainda sobre o mundo empresarial e tecnocrático do turismo. As perspetivas epistemológicas ainda estão reféns dos modelos mais clássicos e pensamos que temos que arriscar mais e focar de jeito central os problemas nucleares do sistema turístico (ex. globalização de fluxos, desigualdades, neoimperialismos, oportunidades de desenvolvimento de turismo sustentáveis e responsáveis). Tampouco há muitos antropólogos portugueses a trabalhar no mercado turístico, algo que pode converter-se num campo de ação privilegiada.

Pensamos que a antropologia pode em Portugal e, não só, avaliar programas, projetos, produtos, destinos e políticas do turismo, compreendendo as dimensões socioculturais e orientando o rumo das mudanças e dos efeitos, alertando sobre as consequências negativas de determinados desenvolvimentos turísticos e, contribuindo, para a reinvenção, renovação e impulso dos lugares de encontro turístico. Além de ajudar a pensar o mundo de hoje (sociedade de mobilidades e viagens) a antropologia do turismo está chamada a integrar-se profissionalmente na promoção – enquanto forma de representação - e na educação turística, construindo uma postura anti etnocêntrica e repensando as relações com a diversidade cultural e a natureza. Para isso temos que ir mais além de alguns preconceitos moralizadores do turismo como atividade negativa, dar voz a todos agentes do sistema turístico e não só aos turistas e os seus recetores, e mostrar com visão etnográfica a complexa diversidade da atividade turística.

6. Conclusões

No contexto da história da antropologia portuguesa, destacamos a emergência da antropologia do turismo como subcampo da antropologia e como parte pluridisciplinar dos estudos turísticos. A antiga atitude de menosprezo do turismo e do estudo do turismo mudou na atualidade. Estudar turismo está na moda e é algo que parece que vai ficando. A conclusão a que chegamos é que a antropologia do turismo está hoje a “normalizar-se” na academia portuguesa tendo ainda muito terreno para explorar na academia e, também, na mercadologia turística. Ambos, turismo e antropologia, tratam com seres humanos, e a antropologia é central para analisar como o turismo transforma as sociedades e as suas culturas. Por outro lado a antropologia é uma importante ferramenta analítica na análise de conexões transnacionais como o turismo, os seus fluxos e intercâmbios entre o local e o global.

Aos poucos, a antropologia do turismo vai ultrapassando os modelos culturalistas e comunitaristas que estudavam os efeitos do turismo, e vai-se aproximando de novos olhares teóricos de um fenómeno massivo, internacional e elemento importante da globalização. Isso também pode observar-se no processo de turistificação da antropologia em Portugal. No caso em apreço, existe, como vimos, uma pluralidade empírica de terrenos e de temas, e consideramos necessário que essa diversidade se veja acompanhada de mais reflexão teórica e mais comparação, com o intuito de sintetizar, explicar, interpretar, compreender e, se possível, generalizar as etnografias.

Bibliografia

- Aurindo, Maria José
2006 Portugal em Cartaz. Representações do destino turístico (1911-1986). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.
- Barros, José Cunha
2002 Realidade e Ilusão no Turismo Português. Das práticas do termalismo à invenção do turismo de saúde. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Bernardo, Edgar
2013a Abordagens teóricas ao turismo. Lisboa: CIES-IUL, em http://www.cies.iscte.pt/np4/?newsId=453&fileName=CIES_WP172_Bernardo.pdf
- Bernardo, Edgar
2013b Uma introdução ao turismo. Conceitos, classificações e tipologias. Lisboa: CIES – IUL, em http://www.cies.iscte.pt/np4/?newsId=453&fileName=WP_CIES164_Bernardo.pdf
- Burns, Peter M
1999 An Introduction to Tourism and Anthropology. London: Routledge.
- Cabral, João de Pina
1991 Os contextos da antropologia. Lisboa: Difel.
- Cristóvão, Artur e Pereiro, Xerardo (orgs.)
2012 Atas do VIII CITURDES - Congresso Internacional de Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável. Turismo rural em tempos de novas ruralidades. Chaves: UTAD (ISBN: 978-989-704-055-9).
- Cutileiro, José
1977 Ricos e pobres no Alentejo. Uma Sociedade Rural Portuguesa. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- Fernandes, Filipa
2010a “A cultura da água: da patrimonialização das levadas da Madeira à oferta turística”. PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, 8(4):529-538.
- Fernandes, Filipa
2010b “Cartografias do Turismo nos Finais de Oitocentos na Ilha da Madeira: Lugares, Personagens, Âmbitos e Experiências”. In: AAVV, República e Republicanos na Madeira 1880-1926, Seminário (pp.567-576). Funchal, SREC, Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA).
- Fernandes, Filipa
2010c “Cultural landscapes and tourism in the Atlantic: the case of Madeira Island”, Heritage 2010 – heritage and Sustainable Development, Proceedings of the 2nd International Conference on Heritage and Sustainable Development (pp.891.899). Évora, Green Lines Institute.

- Fernandes, Filipa
2011 "A Costa da Laurissilva": a produção de um destino turístico-cultural". In: Prats, L. e Santana, A. (Coords.), *Turismo y Patrimonio: Entramados Narrativos*, (pp.135-143). El Sauzal, Asociación Canária de Antropología e PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural.
- Fernandes, Filipa
2012 "O turismo de trilhos pedestres nas levadas e veredas da ilha da Madeira". In: Sebastião, Sónia Pedro e Ribeiro, Raquel (eds), *Portugal, Destino a Comunicar. A comunicação no Turismo Português* (pp.128-135). Lisboa: ISCSP – CAPP (E-Book).
- Fernandes, Filipa
2013 *Pelos Caminhos da Água. As levadas e veredas da Madeira como recurso turístico*, Évora, Universidade de Évora, tese de doutoramento submetida e aprovada (não publicada).
- Fernandes, Filipa
2014 "As Representações turísticas na Região Autónoma da Madeira: os discursos em torno das levadas". *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 21/22 (1):23-31.
- Hernández Ramírez, Javier
2006 "Producción de singularidades y mercado global. El estudio antropológico del turismo". In *Boletín Antropológico* nº 66 (janeiro-abril 2006): 21-50.
- Leal, João
2000 *Etnografias Portuguesas (1870-1970). Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Dom Quixote.
- Leite, Naomi e Graburn, Nelson
2009 "Anthropological Interventions in Tourism Studies". In Robinson, M. e Tazim, J. (eds.): *The Sage Handbook of Tourism Studies* (pp. 35-64). London: Sage.
- Llaneza Fadón, Leopoldo
1999 "Tendencias y procesos de la antropología portuguesa en el siglo XIX. Notas para una historia de la antropología en la península ibérica". In: *Ateneo-Revista Electrónica de Antropología*, n.º 1, em www.ucm.es/info/dptoants/ateneo/, consultado o 18-06-2002.
- Lucas, Joana
2008 *Um serviço de chá e um kit GPS: Reconfigurações identitárias e outros desafios entre os Imraguen da Mauritânia*. Lisboa: ISCTE (tese de mestrado não publicada).
- Lucas, Joana
2013 "Orientalism and imperialism in french west Africa. Considerations on travel literature, Colonial tourism, and the desert as 'commodity' in Mauritania". In: Sarmiento, João e Brito-Henriques, Eduardo (eds.): *Tourism in the global south: landscapes, identities and development* (pp.25-43). Lisboa: Centre for Geographical Studies.
- Mendes, Paulo
2008 *O MAR É QUE MANDA. Comunidade e Percepção do Ambiente no Litoral Alentejano*. Lisboa: ISCTE (tese doutoral em antropologia).
- Mendes, Paulo
2013 *O MAR É QUE MANDA. Comunidade e Percepção do Ambiente no Litoral Alentejano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mendonsa, Eugene L.
1982 "Turismo e estratificação na Nazaré", *Análise Social*, XVIII: 311-329.
- Meneses, Inês Salema e Mendes, Paulo Daniel
1996 *Se o mar deixar. Comunidade e género numa povoação do litoral alentejano*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Nash, Dennison (ed.)
2007 *The Study of Tourism. Anthropological and Sociological Beginnings*. Amsterdão: Elsevier.
- Santos, Paula Mota
2005 *Porto's Historic Centre and the Materiality of Belonging*. London: University College of London (tese doutoral não publicada).
- Santos, Paula J. M.
2007 "Being in or out of place: shifting visibilities of a collective other in the city of Porto", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 47 (3-4): 49 - 69
- Santos, Paula M.
2012 "The power of knowledge: tourism and the production of heritage in Porto's old city", *International Journal of Heritage Studies* 18 (5): 1 – 15

- Santos, Paula Mota
2014 “The Tourism Constellation: Urban Tourism and the Globalized Circuits of Commodified Selves”. In: Santos, Paula Mota e Seixas, Paulo Castro (eds.): *Globalization and Metropolization: Perspectives on Europe’s West Coast* (pp.109-131). Berkeley: Universidade de California.
- Pereira, R.
1988 *Antropologia Aplicada na Política Colonial Portuguesa*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (Tese de Mestrado).
- Peralta, Elsa
2000 “Património e identidade. O desafio do turismo cultural”. *Antropológicas* 4: 217-224.
- Peralta, Elsa
2003^a “O Mar por Tradição: Património e a Construção das Imagens do Turismo”. *Horizontes Antropológicos - Antropologia e Turismo* 9 (20): 83-96.
- Peralta, Elsa, Anico, Marta (Eds.)
2006 *Patrimónios e Identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta.
- Peralta, Elsa e Anico, Marta (Eds.)
2009 *Heritage and Identity in the Twenty-First Century*. London: Routledge.
- Pereiro, Xerardo
2005 “Imagens e narrativas turísticas do “outro”: Portugal-Galiza, Portugal-Castela e Leão”. In: Pardellas, X. (dir.): *Turismo e natureza na Eurorrexión Galicia e norte de Portugal* (pp.57-79). Vigo: Universidade de Vigo.
- Pereiro, Xerardo
2006 “Ecomuseums, cultural heritage, development and cultural tourism in the North of Portugal”. In: Richards, G. (coord.), *Cultural Tourism: Globalising the local – localising the global* (pp.195-213). New York: Haworth Press.
- Pereiro, Xerardo e De León, Cebaldo
2007 *Los impactos del turismo en Kuna Yala (Panamá)*. Turismo y cultura entre los Kuna de Panamá. Madrid: Editorial Ramón Areces.
- Pereiro, Xerardo
2008 “O antropólogo e as culturas turísticas: Uma experiência de investigação entre os kuna do Panamá”. In: Simas, Sónia (org.): *Etnografia e Emoções* (pp.261-272). Lisboa: ISCSP (Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas).
- Pereiro, Xerardo e Vilar, Manuel
2008 “Ethnographic Museums and essentialist representations of Galician identity”. *International Journal of Iberian Studies*, 21 (2): 87-108
- Pereiro, Xerardo
2009a “Imagens e narrativas turísticas do “outro”: Portugal-Galiza”. In: Carou; H. Godinho, P. e Pereiro, X. (orgs.): *Portugal e Espanha – Discursos de centro, memórias e práticas de fronteira* (pp.173-198). Lisboa: IELT (Instituto de Estudos de Literatura Tradicional) – Edições Colibri.
- Pereiro, Xerardo
2009b *Turismo cultural: Uma visão antropológica*. Tenerife: Pasos. E-book em www.pasonline.org
- Pereiro, Xerardo
2010 “Ethnographic Research on Cultural Tourism: An Anthropological View”. In: Richards, Greg; Munsters, Wil (coords.): *Cultural Tourism Research Methods* (pp.173-187). London: CABI.
- Pereiro, Xerardo; Ventocilla, Jorge; Martínez, Mónica; De León, Cebaldo; Del Valle, Yadixa
2012 *Los turistas kunas. Antropología del turismo étnico en Panamá*. Palma de Mallorca: Universitat de las Illes Balears (livro-cd)
- Pereiro, Xerardo
2012a “El turismo indígena guna (Panamá): imaginarios y regímenes de mentira de los guías turísticos internacionales”. *Estudios y Perspectivas del Turismo*, 21(4): 945-961, em <http://estudiosenturismo.com.ar/>
- Pereiro, Xerardo
2012b “Turismo e Cultura Audiovisual: A Turisteca do Pólo da UTAD em Chaves”, *Revista Turismo e Desenvolvimento – Journal of Tourism and Development*, 17/18:151-160
- Pereiro, Xerardo
2012c “El turismo responsable en Galicia: Ecoagroturismo Arqueixal”. In Santana, Agustín, Jonay, Alberto e Díaz, Pablo (ed.): *Responsabilidad y Turismo en Iberoamérica* (pp.1-25). La Laguna: Pasos (e-book em www.pasonline.org).

Pereiro, Xerardo

2012d “Tourism and indigenous cultures in Latin America”. In Smith, Melanie e Richards, Greg (eds.): *Handbook on Cultural Tourism* (pp.145-150). London: Routledge.

Pereiro, Xerardo e De León, Cebaldo

2012 “Museos, representaciones glolocales de la cultura guna y turismo”. *Revista Tareas* (Panamá), 141: 75-95.

Pereiro, Xerardo

2013a “Los efectos del turismo en las culturas indígenas de América Latina”. *Revista Española de Antropología Americana*, 43(1):155-174.

Pereiro, Xerardo

2013b “Valorização dos recursos territoriais. Turismo”. In: Bento, Ricardo (coord.): *Agenda Estratégica dos Territórios da Fronteira Interior/Transmontana da Macrorregião do Sudeste Europeu* (Agenda Estratégica Trasmontana, AET) (pp.60-78). Porto: Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular.

Pinto, Roque e Pereiro, Xerardo

2010 “Turismo e Antropologia: contribuições para um debate plural”, *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 13:219-226.

Pires, Ema

2003 *O baile do turismo. Turismo e propaganda no Estado Novo*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Pires, Ema,

2011 “Birds’ nests, heritage trails and shopping malls: nostalgia and contested heritage in Malacca (West Malaysia). In: *Heritage Conserved and Contested: Asian and European Perspectives*, Conference Book of Papers, IIAS (International Institute for Asian Studies) / Univ. Leiden, pp. 179-190

Pires, Ema

2012 *Paraísos Desfocados: Nostalgia Empacotada e Conexões Coloniais em Malaca*. Lisboa: Tese de Doutoramento em Antropologia submetida ao ISCTE-IUL.

Pires, Ema,

2013a “Showcasing the past: on agency, space and tourism”. In Sarmiento, João e Henriques, Eduardo B. (orgs.), *Tourism in the Global South: Heritages, Identities and Development* (pp.179-192). Lisboa, Centre for Geographical Studies da Universidade de Lisboa.

Pires, Ema

2013b “Sobre espaços, turistas e homelands imaginadas”. In Lobato, Manuel e Manso, Maria de Deus (orgs.), *Mestiçagens e Identidades Intercontinentais nos Espaços Lusófonos* (pp.145-161). Braga, Núcleo de Investigação em Ciências Políticas e Relações Internacionais.

Popinsky, Vitor

2010 “The Development projects of the Gilé National Reserve in Mozambique: Interests and processes within communities, and between communities and other social actors in natural resource management” (Tese de mestrado) online: <http://www.lu.se/o.o.i.s?id=19464&postid=1662224>

Prado Conde, S. e Pereiro, X.

2012 “Ecoagroturismo en Galiza: Análise comparada de dous casos de estudo”. In Simón Fernández, X. e Copena Rodríguez, D. (coords.): *Iniciativas agroecolóxicas inovadoras para a transformación dos espazos rurais*. Atas do IV Congreso Internacional de Agroecología e Agricultura Ecológica (pp.213-231). Vigo: Universidade de Vigo - Fundación Juana de Veja.

Prista, Marta

2013a “Mediating Rurality, History and Exclusivity in Pousadas de Portugal”. In Silva, Luís e Figueiredo, Elisabete (eds.): *Shaping Rural Areas in Europe. Perceptions and Outcomes on the Present and the Future* (pp.109-128). Dordrecht: Springer.

Prista, Marta

2013b “Turismo e sentido de lugar em Óbidos: uma pousada como metáfora”, *Etnográfica*, 17 (2), consultado no dia 25 Abril 2014. URL : <http://etnografica.revues.org/3160>

Prista, Pedro

1998 “Turismo nos Campos”. In Prista, Pedro (ed.), *Essas Histórias que há para Contar* (pp.155-161). Lisboa: Salamandra, Abril em Maio e SOS Racismo.

Quintino, Maria Celeste Rogado

2004 *Revisão de agendas etnográficas. Convés, varandas, aldeias e cidades*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica de Lisboa.

Ramos, Francisco Martins

1997 *Os proprietários da sombra. Vila Velha revisitada*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Ramos, Francisco Martins e Marujo, Maria Noémi
2008 "Uma visão cultural do turismo". In Maria Noémi Marujo, Francisco Martins Ramos e José Calixto, Atas do Encontro Transfronteiriço Turismo Rural/Cultural e Desenvolvimento Sustentável, Edição: Município de Reguengos de Monsaraz.
- Ramos, Francisco
2010 "Antropologia, turismo e invasões das periferias". *Etnicex* 1:19-30.
- Ramos, Francisco Martins e Marujo, Maria Noémi
2011 "Reflexões Sócio-Antropológicas sobre o Turismo". *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 16: 25-33.
- Ramos, Francisco
2013 "Turismo e Cultura" em *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 20:91-98.
- Richards, Greg e Pereiro, Xerardo (eds.)
2007 *Cultural Tourism. Negotiating Identities*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Sampaio, Sofia
- 2013a, "Estudar o turismo hoje: para uma revisão crítica dos estudos de turismo", *Etnográfica*, 17 (1): 167-182
Sampaio, Sofia
- 2013b, "Turismo como não-turismo: confluências e inflexões do filme turístico em filmes do período (pós-) revolucionário", *UBImuseum: Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*, 2: 217-228
- Santana, Agustín
1997 *Antropología y turismo. ¿Nuevas hordas, viejas culturas?*. Barcelona: Ariel.
- Santana, Agustín
2009 *Antropologia do Turismo. Analogias, Encontros e Relações*. São Paulo Aleph.
- Seixas, Paulo Castro
2000 "Usos do Popular: da paixão ao desenvolvimento estratégico", em *Actas do Congresso Cultura Popular* (pp.277-284). Maia: Câmara Municipal da Maia.
- Silva, Maria Cardeira da
1993 "Marrocos: Turistas, Indígenas e Antropólogos", *Antropologia Portuguesa*, 11: 43-50.
- Silva, Maria Cardeira da
2003 "Video Tours". *Etnográfica*, 7 (2): 451-458.
- Silva, Maria Cardeira da (coord.)
2004 *Outros Trópicos. Novos destinos turísticos. Novos terrenos da Antropologia*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Silva, Maria Cardeira da
2006 "Hospedaria Vasque. Cultura, raça, género e expediente num oásis da Mauritânia". *Etnográfica*, X (2): 355-381.
- Silva, Maria Cardeira da; Frazão-Moreira, Amélia (2013): "Coleccionistas, turistas e outros supostos predadores". In Maria Cardeira da Silva, Clara Saraiva (orgs.), *As Lições de Jill Dias: Antropologia, História, África e Academia*, Lisboa, CRIA, pp. 112-136.
- Silva, Maria Cardeira da
2010 "Mauritanian Guestbook. Shaping culture while displaying it". In Burns, Peter, Palmer C. e Lester, J.-A. (Ed.) *Tourism and Visual Culture. Theory and Concepts* (pp. 181-191). Oxfordshire: CABI.
- Silva, Luís
2006. "Os impactos do turismo em espaço rural", *Antropologia Portuguesa* 23 (1): 295 – 317.
- Silva, Luís
2007a "A procura do turismo em espaço rural", *Etnografica* vol.11 (1): 141-163.
- Silva, Luís
2007b "Perspetiva antropológica do turismo de habitação em Portugal", *Pasos* 5 (2): 31- 46.
- Silva, Luís
2007c "Os impactos locais do turismo", *Encontros Científicos*, 3: 86 - 96
- Silva, Luís
2009a, *Casas no Campo: Etnografia do Turismo Rural em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Silva, Luís
2009b, "A patrimonialização e a turistificação do contrabando". In Dulce Freire, Eduarda Rovisco, Inês Fonseca (orgs.), *Contrabando na Fronteira Luso-Espanhola* (pp. 255-287). Lisboa: Nelson de Matos.
- Silva, Luís
2012, "Museus, turismo y desarrollo local: el caso de Belmonte, Portugal". In I. Arrieta (ed.), *Museos y Turismo: Expectativas y Realidades* (pp.163-78). Bilbao, Universidad del País Vasco.

Silva, Luís

2013a “The Pastoral Ideal in Portugal: From Literature to Touristic Practices”. In Silva, Luís e Figueiredo, Elisabete (eds.): *Shaping Rural Areas in Europe. Perceptions and Outcomes on the Present and the Future* (pp.95-108). Dordrecht: Springer.

Silva, Luís

2013b “Impactos do turismo em meio rural: reflexões a partir de Portugal”. In Silva, Vanda da e Carmo, Renato do (orgs.), *Mundo Rural: Mito ou Realidade?* (pp.295-313). São Paulo, Annablume.

Sobral, José Manuel

2012 *Portugal, Portugueses: Uma Identidade Nacional*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Sousa, Carla

1996 “Cultura Popular e Turismo: O Folclore no Algarve”, *Dos Algarves, Revista da ESGHT/UAL*, 1: 12-19.

Sousa, Carla

2003 “Folclore e turismo: reflexões sobre o Algarve”. In El-Shawan Castelo-Branco, Salwa e Freitas Branco, Jorge (orgs.), *Voices do Povo. A Folclorização em Portugal* (pp.569-579). Oeiras: Celta Editora.

Smith, Valene (ed)

1989 *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism*, 2ª ed, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

Stocking, George. W.

1982 *Race, Culture and Evolution: Essays in The History Of Anthropology*. Chicago: Chicago University Press.

Stocking, George W.

1992 *The Ethnographer’s Magic and Other Essays in The History of Anthropology*. Madison-London: The University of Wisconsin Press.

Stocking, George W.

1996 *After Tylor: British Social Anthropology, 1888-1951*. London: Athlone.

Vidal, Frédéric; Aurindo, Maria José,

2010 “Turismo e Identidade Nacional: Uma nova imagem para Portugal”. In *Viajar: Viajantes e Turistas à Descoberta de Portugal no Tempo da Iª República*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República: 119-124

Zoetl, Peter Anton

2010 Capa de índio, documentário em <http://vimeo.com/24472557>

Zoetl, Peter Anton

2011 “O “vídeo participativo “ como meio de reflexão e autorreflexão sobre imagem e identidade de grupos indígenas reemergentes no nordeste brasileiro”. *Espaço Ameríndio*, Porto 5(3): 143-159.

Notas

¹ Cursos superiores de turismo registados na DGES (Direção Geral do Ensino Superior) em março de 2014:

- Turismo: 29 cursos superiores universitários de turismo
- Turismo e gestão de empresas turísticas: 1 (Universidade Lusófona do Porto)
- Turismo e lazer: 1 (Instituto Político da Guarda)
- Turismo sustentável: 1 (Instituto Superior Dom Afonso III)
- Turismo, lazer e património: 1 (Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras)
- Animação turística: 1 (Instituto Político de Leiria – Peniche)
- Informação e animação turística: 1 (Universidade do Algarve – Portimão)
- Informação turística: 1 (Escola Superior de Hotelaria e Turismo – Estoril)
- Gestão do lazer e animação turística: 1 (Escola Superior de Hotelaria e Turismo – Estoril)
- Marketing turístico: 1 (Instituto Político de Leiria)

Fonte: <http://www.dges.mec.pt/guias/indcurso.asp?curso=9810> (consultado o 5-03-2014)

Recibido: 03/06/2014

Aceptado: 19/11/2014

Sometido a evaluación por pares anónimos